
**PARTICIPAÇÃO DE HOMOSSEXUAIS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: A VISÃO DE
ESTUDANTES DE UMA CIDADE DO NORDESTE BRASILEIRO**

**PARTICIPATION OF HOMOSEXUALS IN THE CLASSES OF PHYSICAL EDUCATION: THE VISION
OF STUDENTS OF A CITY IN NORTHEAST BRAZIL**

Autores: MOURA, T.N.B¹; ALVES, W.A²

Instituições/Formação dos autores: 1 Universidade Estadual do Piauí - UESPI

Resumo: O presente estudo busca investigar a participação de meninos e meninas homossexuais nas aulas de educação física, em seis escolas de ensino médio na rede estadual de ensino de Parnaíba-PI. Trata-se de uma pesquisa descritiva, de cunho qualitativo. Foram entrevistados 24 alunos, no qual a maioria são do sexo masculino, possui 18 anos e tem sua orientação sexual definida como gay. A maioria dos participantes assume sua orientação sexual e 62,5% mora com os pais/família. Observou-se a necessidade de mudanças na realidade apresentada, com isso a prática docente precisa estar comprometida com ações que visem transformações emergenciais no âmbito escolar que propiciem a solidificação do respeito à diversidade nas instituições de ensino.

Palavras-Chave: Escola pública, Orientação sexual, Práxis docente, Homossexualidade, Educação física escolar.

Abstract This study aims to investigate the participation of homosexual boys and girls in physical education classes in six high schools in the Parnaíba-PI state school system. This is a descriptive, qualitative research. Twenty-four students were interviewed, in which the majority are male, 18 years old and have their sexual orientation defined as gay. Most participants assume their sexual orientation and 62.5% live with their parents / family. It was observed the need for changes in the presented reality, with this the teaching practice must be committed to actions that aim at emergency transformations in the school environment that propitiate the solidification of respect for diversity in educational institutions.

Keywords: Public school, Sexual orientation, Teaching practice, Homosexuality, Physical school education.

Citação: MOURA, T.N.B; ALVES, W.A . Participação de homossexuais nas aulas de Educação Física: A visão de estudantes de uma cidade do Nordeste brasileiro. **Educação Física em Revista**, 2015, vol. 9, nº 3, p. 56-71.

Contato do autor: thaisinha_moura@hotmail.com
Copyright: © 2017

Introdução

A vivência homossexual é variada pelas suas características e peculiaridades referentes ao alunado, de modo que a vida escolar está repleta de características diferentes, desejos distintos, conflitos novos e velhos, levando a identidade a ser construída de forma clara e plena pela escola e o corpo pedagógico com paralelismo com a convivência em sala de aula com os demais colegas (CAMPOS, 2014).

Figueiredo e Montalvão (2008) salientam que a criação de um espaço onde as pessoas possam exercer várias atividades e exercícios que, muito mais que um condicionamento mecanicista, estimule o autoconhecimento, a ampliação da consciência corporal, a melhoria da autoestima e, conseqüentemente, proporcionem um melhor relacionamento consigo, com os outros e com o meio é de vital importância para a manutenção dos alunos na escola.

Dessa forma, a escola é uma das instituições encarregada de propagar a diversidade e pluralidade, por uma educação emancipatória, e o corpo docente e seus gestores que nela se encontram, são os agentes nessa perspectiva de planejamento e efetivação de políticas pedagógicas visando à construção dessa educação libertadora (BARDUNI FILHO; SOUSA, 2008).

De forma semelhante, Molina e Figueiró (2012) afirmam que o ambiente escolar deve ser caracterizado por subsidiar a construção da autonomia e criticidade, não somente de seus alunos, mas principalmente de todas as pessoas que compõem seu cenário para que, desta maneira, também possamos alcançar a reflexão que leve a uma promoção da equidade de gênero no espaço escolar.

Atualmente, por meio de algumas políticas públicas, como o caso do Programa Brasil sem Homofobia, o espaço escolar brasileiro vem sendo repensado de maneira a contribuir de forma mais eficaz no enfrentamento do que impede ou dificulta a participação social e política e que, ao mesmo tempo, contribui para a reprodução de lógicas perversas de opressão e incremento das desigualdades (MOLINA; FIGUEIRÓ, 2012).

Reconhecer a diversidade significa aceitar a ideia de que ser diferente não significa ser desigual, pois, em nome desses marcadores identitários, muitos sujeitos têm sido excluídos de vários direitos sociais, inclusive o acesso e a permanência ao esporte e ao lazer, bem como do direito à educação (GOELLNER, 2010).

A partir da ação política de nomeação “isto é um menino” ou “este é um homossexual” o discurso inaugura a possibilidade cultural para a leitura de determinados corpos. As bases linguísticas constituintes das práticas corporais também acionam o processo de fabricação dos sujeitos a partir da dicotomização de gênero e sexualidade. As adequações existentes entre atividades corporais de

“meninos” ou “meninas” se constituem em linhas de captura que reiteram o posicionamento social dos corpos e instituem hierarquizações nas quais o feminino será considerado como inferior ao “lido” como viril (PRADO; RIBEIRO, 2016).

A sexualidade pode ser entendida também como uma condição humana que o indivíduo traz desde o seu nascimento e que integra o fator natural, inalienável e imprescritível (DIAS, 2005). Noutra direção, Louro (2008) refere que a construção da sexualidade e do gênero acontece ao longo da vida, de maneira contínua sendo, portanto, ensinada. Para o autor, a definição de masculino e feminino não é feita no nascimento e posterior classificação biológica do corpo como macho ou fêmea. São procedimentos que articulam elementos tão diversos de regulação da vida social, quanto discursos, instituições, formas arquitetônicas, enunciados científicos, proposições morais e filosóficas.

Assim pode-se discorrer sobre uma linha de pensamento que apresente a discriminação como uma atitude ou uma ação que objetiva além diferenciar e distinguir, prejudicar um grupo, tendo por base, ideias preconceituosas. Agindo a partir desse pensamento se está afrontando os direitos desses alunos, garantidos tanto na Constituição Federal como na LDB (Lei 9.394/1996) quanto no Estatuto da Criança e do Adolescente.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN destacam de forma clara que a escola, ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e ao explicitar e debater os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade, possibilita, ao aluno, desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio elege como seus (BRASIL, 1997).

Ressalta-se que as discriminações por gênero, etnia e orientação sexual são reproduzidas em todos os espaços da sociedade brasileira, incluindo o espaço da escola. O Brasil tem se esforçado para conseguir erradicar essas desigualdades; tem sido signatário de documentos em prol da igualdade de direitos e tem criado diversos projetos, programas e leis que incluem a equidade de gênero como condição fundamental para o respeito às diferenças. Mas não bastarão leis e projetos, se não houver transformações mais estruturantes nas práticas cotidianas de homens e mulheres (MOLINA; FIGUEIRÓ, 2012).

Além de apresentarem estudos que atestam a Educação Física como uma área transpassada por regulações de gênero e construção de modelos hegemônicos de masculinidade e feminilidade, José Devís Devís, Jorge Miguel e Andrew Sparkes (2005) fornecem indícios de que a heterossexualidade compulsória e a homofobia acompanham estudantes durante suas experiências nas aulas desse componente curricular.

Priscila Dornelles (2013) afirma que a Educação Física é uma disciplina escolar que deve ser

problematizada no sentido de questionar que corpo se pretende formar e como a escola constrói mecanismos reguladores para que tal objetivo seja alcançado.

Salientam também que o professor de Educação Física (PEF) é uma referência importante para seus alunos, pois a disciplina propicia experiência de aprendizagem peculiar ao mobilizar os aspectos afetivos, sociais, éticos e de sexualidade, de forma intensa e explícita, o que faz com que o PEF tenha um conhecimento abrangente de seus alunos (BRASIL, 2000).

A Educação Física no âmbito escolar deve ser entendida como uma disciplina curricular de enriquecimento cultural, fundamental à formação da cidadania dos alunos, baseada num processo de socialização de valores morais, éticos e estéticos, que consubstancia princípios humanistas e democráticos. Para isto, as estratégias de ação didático-pedagógicas devem estar voltadas para a suplantação de práticas injustas e discriminatórias (CHAVES, 2006).

Assim, o PEF deve sempre estar atento ao surgimento de qualquer tipo de ações discriminatórias, promovendo estratégias de intervenção e prevenção, adequadas no combate às mesmas. Já que, segundo Aquino (1997), devido ao tratamento uniforme que é dado dentro da escola, muitos alunos escondem dos professores, dos colegas de sala e/ou dos funcionários, a sua religião, origem regional e principalmente, pelo receio de sofrer discriminação, por terem outra orientação sexual. Isso porque ainda existem professores que trazem consigo uma definição engessada e conservadora, de como os jovens deveriam ser e agir.

Para Silva, Freitas e Fonseca (2009), quando se trata do aluno homossexual, muitas ações discriminatórias são aplicadas a eles, que na maioria das vezes se retraem, sofrem e até abandonam a escola.

Dessa forma, torna-se fundamental que o professor conheça a situação atual da escola, dos alunos homossexuais e os momentos de homofobia, de alegria, a convivência com os colegas, com os demais professores e diretores, para saber determinar e adotar uma prática docente que melhor adequue na situação escolar (CAMPOS, 2014).

A reflexão sobre este assunto leva ao questionamento se existem, nas escolas, pessoas disponíveis e gabaritadas, com quem meninos e meninas possam discutir problemas de intimidação e sentirem-se apoiados e se estes alunos e alunas sabem a quem recorrer em caso de experimentarem algum tipo de assédio. Pode-se questionar ainda se a escola, exercendo o seu papel educativo, promove estratégias para prevenir e minimizar as práticas de intimidação e mantém registros claros sobre suas incidências, principalmente nas aulas práticas de educação física.

A partir de tais questionamentos, o presente trabalho consiste-se em investigar a participação de meninos e meninas homossexuais nas aulas de educação física, em escolas do ensino médio no

município de Parnaíba-Piauí, visando o favorecimento de uma educação participativa, voltada ao cumprimento do exercício pleno da cidadania entre as diferentes orientações sexuais.

Assim, esta pesquisa poderá contribuir para a realização de ações de intervenção no espaço escolar, bem como motivar os alunos à valorização da prática de atividades físicas, visando um melhor condicionamento físico, interação entre os colegas e, conseqüentemente, um melhor aproveitamento no desempenho acadêmico e qualidade de vida.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa, por meio de formulário. A pesquisa descritiva tem o objetivo de descrever as características de determinadas populações ou fenômenos. Uma de suas peculiaridades está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o formulário e a observação sistemática (GIL, 2008).

Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A pesquisa aconteceu no mês de março do ano letivo escolar de 2016, em seis escolas estaduais que possuíam ensino médio, no município de Parnaíba.

A amostra foi composta por alunos que foram selecionados de acordo com o método “bola de neve”, no qual o pesquisador pergunta ao respondente indicações de outros indivíduos que possam ser entrevistados.

O número total de informantes foi decorrente do prazo disponível para a execução dos trabalhos de campo, finalizando com 24 entrevistas.

Como critérios de inclusão, os alunos deveriam estar cursando o ensino médio e serem homossexuais. Foram excluídos da amostra, os indivíduos menores de idade, os que não aceitaram participar da pesquisa ou não assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O instrumento utilizado para a pesquisa foi um formulário que possui as seguintes variáveis: sexo, orientação sexual, idade, ano do ensino médio/técnico, com quem residem, se estão no mercado de trabalho, se assumem abertamente a sua orientação sexual, se participam das aulas de educação física teóricas e práticas, quais as atividades ou exercícios físicos têm mais afinidade em qual a área esportiva mais desejada em participar e qual a menos desejada.

As entrevistas aconteceram na biblioteca, sala dos professores, sala de aula, ou no pátio das escolas,

no turno dos entrevistados e tiveram a duração aproximada de 30 minutos. As mesmas foram gravadas e posteriormente transcritas na íntegra, preservando-se, de forma mais fiel possível, a fala dos entrevistados. Em seguida, as respostas foram sistematizadas e descritas logo a seguir.

Resultados

A maioria dos participantes são do sexo masculino (79,2%), possui 18 anos (33,3%) e tem sua orientação sexual definida como gay (75%). Bauman (2005) aponta que se uma pessoa percebe-se que tem uma identidade, características e valores que estão intrínsecas em si, determinando seu ser, como os homossexuais, este pode ambicionar ou lutar para ter ou negar a outra identidade e suas características.

Averiguou-se também que a maioria dos participantes (79,2%) assume sua orientação sexual e que os demais assumem para alguns como, escola e para amigos e que 62,5% mora com os pais/família.

Vale destacar que a família é apontada como o maior alicerce para que o indivíduo possa assumir a sua orientação sexual perante a sociedade e para si mesmo (FRIGO et al., 2014). Além disso, segundo Lomando, Wagner e Gonçalves (2011), a família e os amigos são a principal rede de apoio nas relações amorosas homossexuais, tanto para as mulheres quanto para os homens e, ainda, que tal relevância não é exclusiva dos homossexuais, mas também fazem parte dos relacionamentos heterossexuais.

Por motivos éticos, a fim de garantir o anonimato dos sujeitos, os nomes foram substituídos por apelidos derivados de flores.

No que diz respeito à visão dos participantes da pesquisa quanto a relevância das aulas de Educação Física na sua vida cotidiana, alguns relatos apontam para a importância da mesma quanto ao aspecto físico e mental, bem como a saúde em geral, porém também houveram relatos de participantes que não achavam a disciplina relevante pois não gostavam das aulas práticas.

“Sim é muito importante para a saúde e para a mente, sem a educação física não seríamos nada”. (Gardênia)

“Sim, ajuda a manter a saúde e o bem estar físico”. (Vassoura Espanhola)

“Não, pelo fato de eu não gostar de praticar”. (Estelícia)

“Pra mim não tem importância porque eu sempre fui ruim em esportes”.

(Alpineia Rosa)

O desporto, considerado como um território de prevalência masculina desde as suas origens, tem sido palco privilegiado para a construção de determinadas representações de masculinidade e de feminilidade, seja no alto rendimento, no lazer ou na escola (SILVA; GOMES; GOELLNER, 2008).

Segundo Cunha Júnior e Melo (1996) não é o homossexual que não gosta de praticar as atividades, mas existem uma série de fatores que o impede, o afasta das atividades. O professor de Educação Física contribui muitas vezes no estabelecimento do preconceito e da discriminação, reforçando os estereótipos existentes através de seu discurso ou até mesmo impedindo homossexuais de frequentar suas atividades.

Durante aulas de educação física na escola os corpos que não se adéquam ao modelo de masculinidade tomado como regra são rechaçados e marcados negativamente para que possa ser reconhecido pelo grupo como “não apropriado”. As chacotas, piadas e brincadeiras que visam subjugar o “outro”, como demonstrado na fala de nosso interlocutor, visibilizam o quanto algumas situações ocorrentes nas aulas constroem a representação abjeta do sujeito homossexual ou que não performatiza uma masculinidade próxima da considerada aceitável (PRADO; RIBEIRO, 2016).

Quando perguntado se o aluno era ativo e participativo nas aulas de Educação Física e porque, observou-se que a maioria dos alunos não participavam pois as aulas se resumiam à prática de esportes.

“Já fui mas nunca gostei de praticar esportes na escola, talvez por conta dos alunos heterossexuais”. (Lírio Casablanca)

“Sou ativo, gosto bastante e mesmo sendo gay pratico todos os esportes com amigos héteros”. (Íris)

“Não, porque nunca gostei das atividades propostas pelos professores”. (Alpineia Rosa)

“Não, eu não praticava exercícios físicos por eu ser homossexual, daí ficavam sempre com chacotas, o que me causava desconforto, ia às aulas por obrigação”. (Buvardia)

No âmbito da Educação Física escolar, não é difícil perceber adequações de gênero nas práticas e relações estabelecidas pelos estudantes. Helena Altmann (1998) menciona que elas estão presentes na própria disposição dos alunos e das alunas no espaço físico da escola.

A divisão das práticas corporais e/ou esportivas em “masculinas” ou “femininas” pode, como consequência negativa, gerar atitudes de desvalorização e falta de apoio a algumas modalidades, como nos casos do futebol ou de determinadas artes marciais, quando praticadas por mulheres, ou da ginástica artística, do voleibol ou da dança, quando protagonizadas pelo homem. Em situações mais extremas, essas atitudes podem se tornar discriminatórias, apresentando como resultado o preconceito, a intolerância e a demonstração de violência em relação ao que não é considerado “normal” ou “apropriado” (PRADO; ALTMANN; RIBEIRO, 2016).

A escola é um ambiente propício ao desenvolvimento da exclusão dos indivíduos diferentes, com uma identidade diferente das demais, com diversidade sexual, e este fato se dá, de acordo com Andrade (2013) por este ambiente ter múltiplas formas: por meio de práticas curriculares, do ensino das diversas disciplinas, do exercício da disciplinarização dos corpos e das sensibilidades dos alunos (as), professores e dos demais profissionais da educação, além de questões históricas e políticas vigentes na escola, que constitui um espaço no qual a discriminação, o preconceito e a homofobia encontrem espaços institucionais para seu desenvolvimento.

O ambiente da Educação Física não é imune a esta característica homofóbica. Quer os conteúdos quer as práticas na Educação Física parecem basear-se em (e serem reprodutoras de) ideologias e visões estereotipadas da heterossexualidade feminina e masculina. Deste modo, docentes e discentes aprendem e reconhecem os necessários códigos “feminino” e “masculino” para uma plena aceitação, e que se enquadram no espaço confinado da heterossexualidade (CLARKE, 2002).

As práticas desportivas que envolvem a competição e que se revestem de características agressivas são consideradas como das melhores práticas de iniciação à virilidade. É nesse espaço que o jovem mostra publicamente o seu estatuto de “macho”: despreza a dor, controla o seu corpo, mostra força e vontade de ganhar. Mostra, enfim, que não é uma criança, nem uma moça, nem um homossexual, mas um “homem de verdade” (BADINTER, 1993).

Nos trechos a seguir, encontram-se relatos das atividades realizadas pelo professor de Educação Física que atraem a participação dos alunos homossexuais.

“Nunca participei devido as aulas só haverem futsal e não me sentia confortável em ir as aulas por não saber jogar”. (Flox)

“Nenhuma, a não ser as aulas teóricas realizadas em sala de aula”. (Delfim)

“Nenhuma atividade me atraía, a única atividade desenvolvida era o futsal”.
(Alpineia Rosa)

“Nenhuma porque a que o professor mais fazia era futsal e eu nunca me senti bem”. (Margarida)

Frente a uma prática esportiva predominantemente associada ao universo masculino, a presença de um sujeito que não expresse a masculinidade padrão compartilhada por determinado grupo aciona mecanismos de marcação de diferenças sociais que tendem a rechaçá-lo e registrar seu não pertencimento a determinado contexto. O sujeito construído como “diferente” passa então a ser policiado e, não raro, proibido de acessar espaços comuns ao grupo (PRADO; RIBEIRO, 2016).

Os rapazes que escolhem participar em atividades associadas ao feminino (como a dança ou a aeróbica) serão, muitas das vezes, chamados de “meninas” ou “maricas”. É preciso ser-se um jovem rapaz de rara coragem e com uma grande confiança em si mesmo para conseguir superar as condenações de colegas ou mesmo de professores/as (GRIFFIN; GENASCI, 1990).

Alguns estudos (MARTINELLI et al., 2006; BIANCHI; HATJE, 2007; DRESSLER; GIARETTA, 2007; MELO; FERRAZ, 2007), indicam que a disciplina Educação Física escolar vem se baseando uma prática excludente, muitas vezes voltada para a formação de equipes esportivas representativas das escolas.

Quando perguntado sobre as atividades realizadas pelo professor de Educação Física que eles nunca participam e porque, observou-se que a maioria não praticava futsal por considerarem uma prática masculina.

“Futebol e futsal, porque geralmente só participam os héteros”. (Buvardia)

“Por conta que só tinha eu da minha sala que gostava de jogar futsal, mas só tinham meninos jogando, então eu fui jogar com eles, mas nenhum deles tocava a bola pra mim, então eu saía”. (Copo de Leite)

“O Futsal, não gosto de jogar com os meninos”. (Rosa Vermelha)

“Futebol, só tinha homens”. (Tulipa)

Ao denunciar o esporte como um universo predominantemente masculino, Altmann (2002) argumenta que a Educação Física também construiu seu sistema de classificação e diferenciação baseando-se no gênero, de onde se pode concluir que essa construção social ainda pode se mostrar atuante nessas aulas. Observando os espaços e modos de atuação durante alguma prática esportiva em situações escolares, não é difícil perceber a distribuição espacial diferenciada para meninos e meninas e o desenvolvimento de atividades que, historicamente, foram construídas com base na dicotomia de masculino e feminino. Um exemplo seria a apropriação que muitos meninos fazem do futebol, quando passam a elegê-lo a atividade predominante em momentos “extraclasse” como, por exemplo, nos intervalos escolares.

Em muitas escolas, a disciplina Educação Física do ensino fundamental e médio toma basicamente o esporte como conteúdo. Marzinek e Neto (2005) identificou que os esportes mais trabalhados nas aulas são: futebol, voleibol, basquetebol e handebol, sendo eles geralmente os mais populares entre os alunos de Ensino Fundamental e Médio.

Rodrigo Rosa (2008) nos demonstra o quanto a relação entre esporte e homofobia está presente na produção acadêmica da Educação Física. O autor propôs uma reflexão sobre como essa relação era abordada pela produção de conhecimento. Analisou os trabalhos acadêmicos divulgados na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), os anais dos Congressos Brasileiros de Ciências do Esporte (CONBRACE) e os anais dos Congressos Nacionais de História do Esporte, Lazer, Educação Física e Dança (CNHELEFD) no período compreendido entre 1979 a 2007. Em um universo amostral de mais de 6.000 produções encontrou apenas três referências acerca da homossexualidade.

Visto que a produção de conhecimentos é uma das condições para que profissionais possam planejar suas intervenções, as aulas de educação física nas escolas podem ser estruturadas a partir de (des)conhecimentos que subjugam qualquer forma de atuação que não se adeque aos padrões de comportamento pré-estabelecidos. Nesse sentido, não raro, sujeitos que transgridem as regras de gênero e/ou sexualidade compreendidas como “normais” acabam estigmatizados e sofrem as consequências de mecanismos de discriminação, tais como o heterossexismo e a homo, lesbo ou transfobia (PRADO; RIBEIRO, 2016).

Uma das grandes dificuldades relacionadas à prática da Educação Física na escola é a auto exclusão de alunas do Ensino Médio. Andrade e Devede (2006) realizaram um estudo com alunas do Ensino Médio que frequentavam as aulas de Educação Física. Os autores ressaltaram que muitos motivos podem contribuir para a auto exclusão de alunas nas aulas de Educação Física, como:

Ambiente físico inadequado (quadras pequenas e sem vestiários); Aulas frequentemente repetitivas e desorganizadas; Falta de habilidades e desprazer com os esportes oferecidos; Brutalidade masculina; Professor de Educação Física que não participa das aulas; Desigualdade de habilidades e gênero; Exclusão dos menos hábeis; Preferência da bola sempre para os meninos.

Por fim, os participantes foram questionados quanto ao motivo do desinteresse em participar das aulas de Educação Física e quais sugestões daria para aulas mais atrativas. Alguns relatos estão descritos abaixo:

“Meu desinteresse em não ir era que sempre quando se fala em educação física, lembra-se do futsal e futebol, o esporte que gosto e vôlei e dança”.
(Flox)

“Das aulas de futsal, por medo dos demais alunos rirem de mim pelo fato de eu não saber jogar. Que tenha uma maior variedade de esportes”.
(Margarida)

“Inclusão de mais atividades, para que os gays que não gostam das atividades oferecidas sintam-se bem, sem discriminação. Muitos até gostam de alguma atividade, mas por conta do preconceito ou falta de atividades, eles não participam”. (Íris)

“Não tinha interesse porque só tinha futsal. Sugiro que os professores procurem explorar outras modalidades esportivas”. (Camélia Vermelha)

Em conversas informais com sujeitos que se autorrepresentavam como gays e lésbicas sobre suas relações com a Educação Física, Luciene Santos (2008) relata que a disciplina se configurava como um terreno de conflitos sobre sexualidades no qual esses/essas jovens nem sempre se saíam bem. Para muitos/as deles/as, essas experiências criaram aversão pelas práticas esportivas.

Ao PEF cabe problematizar que o afastamento de determinadas práticas se refere, em muito, aos medos e receios de uma exposição que possa contribuir para o estigma e rechaço social de estudantes homossexuais, vulnerabilizando-os/as frente ao grupo (PRADO; RIBEIRO, 2016).

Acredita-se ser de grande importância que os alunos tenham a oportunidade de conhecer outros conteúdos, podendo até mesmo vivenciar práticas esportivas ainda pouco disseminadas na

nossa cultura, como por exemplo, o baseball.

Betti (1999) menciona que os currículos das faculdades de Educação Física incluem disciplinas como a dança, capoeira, judô, atividades expressivas, ginástica, folclore, entre outros, sendo incompreensível as razões da pouca ou nenhuma utilização destes conteúdos.

Vale ressaltar que a representação negativa sobre a homossexualidade por parte dos professores/as também deve ser problematizada enquanto um produto de suas formações. Em sua pesquisa Francis Madlener (2006) denuncia a falta de discussões aprofundadas sobre a construção cultural das sexualidades durante o processo de formação dos estudantes. Embora estes cite que temáticas como homossexualidade, diversidade sexual e preconceito foram abordados em algumas disciplinas, bases epistemológicas que contribuíssem para repensar a sexualidade enquanto uma dimensão cultural/discursiva, não se fizeram presentes.

Assim, representações negativas acerca da homossexualidade, caso não sejam problematizadas durante a formação inicial e/ou continuada, podem ser utilizadas enquanto base para uma futura atuação profissional.

Em contrapartida, a escola democrática seria aquela que proporciona um espaço de inclusão social. A diferença não justifica a estigmatização ou a marginalização. Desta forma, o respeito à diferença e o direito à singularidade são fundamentos básicos na construção que potencializa as diferenças e valoriza a individualidade. Por isso, devemos refletir sobre a importância de disponibilizar uma Educação Sexual, no âmbito escolar, que enfoque a homossexualidade, assim como a travestilidade e a transexualidade, com naturalidade e normalidade (MOLINA; FIGUEIRÓ, 2012).

Discussão

Conclusão

Os resultados da pesquisa indicam a importância e a necessidade de transformação da realidade apresentada, cabendo ao professor proporcionar mudanças que conduzam à construção social das igualdades de gênero, resgatando e aproximando os grupos auto excluídos.

Para que isso seja possível, sugere-se que, primeiro, o assunto deve tornar-se visível. Segundo, deve ser legitimado e visto como um assunto importante e significativo. Por fim, os apontamentos devem resultar em uma ação objetiva.

Com os resultados da pesquisa, esperamos colocá-lo nas pautas de discussões (torná-lo

visível); dando os primeiros passos no sentido de torná-lo reconhecido como importante (legitimá-lo) e, pretensiosamente, dar alguns indicadores iniciais para os profissionais em seus campos de atuação (contribuir objetivamente para a atuação).

Deve-se ressaltar que, embora tenham aumentado muito as preocupações com as classes mistas, com a coeducação e com as relações de gênero no contexto da prática de atividades físicas/esportivas, as preocupações no que se refere aos preconceitos e discriminações para com homossexuais ainda não são observadas.

A Educação Física pode e deve assumir-se como um espaço de reconstruções, favorecendo que novos posicionamentos das questões de gênero desponham, e os/as professores parecem ser o ponto de charneira para a mudança, pois nas suas interações com os alunos e as alunas têm o potencial de não só reproduzir os discursos de gênero, mas também podem ser produtores de uma mudança nesses discursos e práticas.

Privilegiar o respeito à diversidade, a aceitação das diferenças e o reconhecimento de que cada sujeito vale pelo que é, independentemente de sua aparência corporal, da cor de sua pele, das marcas de gênero ou da orientação sexual que adota, é tarefa necessária a cada um de nós, o que, indubitavelmente, se traduz em um grande desafio.

Referências

ALTMANN, Helena. **Exclusão nos esportes sob um enfoque de gênero**. Motus Corporis, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 9-20, mai. 2002.

ANDRADE, Andrezza de O. A educação que se pergunta pelo corpo: debatendo gênero, sexualidade e homofobia na escola. In: SILVA, Antônio de Pádua Dias; RIBEIRO, Maria Goretti. (Org.) **Rumos dos estudos de gêneros e de sexualidade na agenda contemporânea**. 1ª edição. Campina Grande: EDUEPB. P. 417-428, 2013.

ANDRADE, Elisângela Borges; DEVIDE, Fabiano Pries. **Autoexclusão nas aulas mistas de Educação Física escolar: representações de alunas do ensino médio sob enfoque de gênero**. FIEP Bulletin, Foz do Iguaçu, v. 76, p. 318-321, 2006. Special Edition.

AQUINO, Júlio Groppa. **Sexualidade na escola**. Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.

BADINTER, Elizabeth. **XY: Sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARDUNI FILHO, Jairo; SOUSA, Dileno Dustan Lucas de. **A Questão da Homossexualidade e o Bullying**. Anais do VIII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE – Formação de Professores, p.1063-1074, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora, 2005.

BETTI, Irene Conceição Rangel. **Esporte na escola: mas é só isso, professor?** *Revista Motriz*, Rio Claro, v. 1, n. 1, p. 25-31, 1999.

BRASIL. **Constituição Federal da República Federativa do Brasil**, de 19 de outubro de 1998. Senado Federal, Brasília, 2002.

_____. **Estatuto da criança e do adolescente**. Senado Federal. Brasília: 2005.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 2000.

_____. **Lei nº 9.394 de 12 de dezembro de 1996**. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Ministério da Educação. Senado Federal, Brasília, 1996.

CAMPOS, Damiana Arisvânia Batista Berto. **A homossexualidade no espaço escolar: vivência, problemas e possíveis formas de ajuda**. 2014. 51f. (Monografia) Especialização em Fundamentos da Educação. Universidade Estadual da Paraíba.

CHAVES, Walmer Monteiro. **Fenômeno Bullying e a Educação Física Escolar**. Anais do X Encontro Fluminense de Educação Física Escolar. Niterói, 2006.

CLARKE, Gill. Difference matters: sexuality and physical education. In: PENNEY, D. (Ed.). **Gender and physical education: contemporary issues and future directions**. London: Routledge, p.41-56, 2002.

CUNHA JÚNIOR, Carlos Ferreira; MELO, Victor Andrade de. **Homossexualidade, educação física e esporte: primeiras aproximações**. Movimento - Ano III - Nº 5 – 1996.

DEVÍS DEVÍS, José; MIGUEL, Jorge F.; SPARKES, Andrew C. **¿Qué permanece oculto del currículum oculto? Las identidades de género y de sexualidad em la Educación Física**. *Revista Iberoamericana de Educación*. n. 39, p. 73-90, 2005.

Dias, Mari Berenice. (2005). **Homoafetividade e o direito à diferença**. Universo Jurídico, 1. Recuperado em http://www.mariaberenicedias.com.br/uploads/26_-homoafetividade_e_o_direito_%E0_diferen%E7a.pdf

DORNELLES, Priscila Gomes. **A (hetero)normalização dos corpos em práticas pedagógicas da Educação Física escolar**. 2013. 193 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto alegre.

FIGUEIREDO, Fabiana. ALVÃO, Claudia Mon't. **Ginástica Laboral e Ergonomia**. Rio de Janeiro: 2ªedição: Sprint, 2008.

FRIGO, Jucimar; et al. **Políticas públicas de saúde frente às necessidades dos homoafetivos: Reflexão da práxis de enfermagem**. Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research, v. 6, n. 1, p. 28-33, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade**. Cadernos de Formação CBCE, v. 1, n. 2, p. 71-83, mar. 2010.

GRIFFIN, P.; GENASCI, J. Addressing homophobia in physical education: responsibilities for teachers and researchers. In: MESSNER, Michael A.; SABO, Donald F. (Eds.). **Sport, men and the gender order: critical feminist perspectives**. Champaign: Human Kinetics. p.211-21, 1990.

LOMANDO, Eduardo, WAGNER, Adriana, GONÇALVES, Jaqueline. **Coesão, adaptabilidade e rede social no relacionamento conjugal homossexual**. Psicologia: Teoria e Prática, v. 13n. 3, p. 95-109, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: Pedagogias contemporâneas**. Pro-Posições. v. 19, n. 2 (56), p. 17-23, 2008.

MADLENER, Francis. **O discurso sobre a homossexualidade no universo escolar: um estudo no curso de Licenciatura em Educação Física**. 2006. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

MARZINEK, Adriano; FERES NETO, Alfredo. A motivação de adolescentes nas aulas de Educação Física. In: II **Congresso Internacional de Pedagogia do Esporte**, 2005, Maringá. Anais do II Congresso Internacional de Pedagogia do Esporte, Maringá, 2005.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso. **Orientações Curriculares: diversidades educacionais**. Cuiabá: Defanti, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOLINA, Luana; FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Professores homossexuais: suas vivências frente à comunidade escolar**. Revista ibero-americana de estudos em educação. v. 7, n. 2, p. 58-77, 2012.

OLIVEIRA, Marla Beatriz de. **Serviço Social: projetos de pesquisa/** Marla Beatriz de Oliveira, Roseleide Souto Moreira Mota, Érica Ferreira Faria – São Paulo: Perarson Addison Wesley, 2011.

PRADO, Vagner Matias; RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. **Escola, homossexualidades e homofobia: rememorando experiências na educação física escolar.** Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 97-114, Jan./Abr. 2016.

_____; ALTMANN Helena, RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. **Condutas naturalizadas na educação física: uma questão de gênero?** Currículo sem Fronteiras, v. 16, n. 1, p. 59-77, jan./abr. 2016.

ROSA, Rodrigo Braga Couto. **Enunciações afetadas: relações possíveis entre homofobia e esporte.** 2010. 215 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SANTOS, Luciene Neves. **Corpo, gênero e sexualidade: educar meninas e meninos para além da homofobia.** 2008. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SILVA, Ana Patrícia. FREITAS, José Guilherme de Oliveira; FONSECA, Michele Pereira de Souza da. **Bullyng nas aulas de educação física: A homossexualidade em foco.** Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades. Educação, Saúde, Movimentos Sociais, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos, Salvador – BA, 2009.

SILVA, Paula; GOMES, Paula Botelho; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Educação Física no sistema educativo português: um espaço de reafirmação da masculinidade hegemônica.** Rev. bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo, v. 22, n. 3, p. 219-33. 2008.